

## GERALDO VELLOSO: ARTE É PURGAÇÃO

Filmado na casa do diretor, em apenas quatro dias e com somente seis pessoas em sua reduzida equipe, *Perdidos e Malditos* assinala a primeira experiência do jovem montador e assistente de produção Geraldo Velloso no longa-metragem. Exibida em pré-estrela na semana "Novos Rumos do Cinema Brasileiro", promovida pela Cinemateca do Museu de Arte Moderna, a fita impressionou por sua abordagem cerebral e distanciada da realidade. "É quase um exorcismo, uma purgação de obsessões", diz Velloso. A fotografia é de João Carlos Horta (*Pecado Mortal*) e os intérpretes são Paulo Villaça, Billy Davis, Maria Esmeralda, Dina Sfat, Calão, Marcelo Pietsch, Selma Caronezzi, Célia e Geraldo Velloso.

Mineiro de Belo Horizonte, há muito tempo radicado no Rio de Janeiro, Geraldo Velloso começou sua carreira como assistente de produção de *O Padre e a Moça*, de Joaquim Pedro de Andrade, e do curto *Guilherme*, de Carlos Prates Correia, episódio do longa *Os Marginais*. Últimamente, vinha desenvolvendo atividades de montagem. Alguns dos filmes que montou: *A Virgem Prometida*, de Iberê Cavalcanti, *Jardim de Guerra*, de Neville Duarte D'Almeida, *Matou a Família e Foi ao Cinema*, de Júlio Bressane, e uma série de curtos de Paulo Gil Soares sobre o Nordeste.

FC — Para começar, o que é *Perdidos e Malditos*?

GV — Existem mil idéias pairando no ar e que a gente absorve. *Perdidos e Malditos* partiu de uma série de filmes que tentei fazer durante cinco anos e que se foram modificando à medida que eu me modificava.



GERALDO VELLOSO (DE COSTAS, NA CÂMARA) DIRIGE PAULO VILLAÇA EM SEU FILME DE ESTREIA

FC — Como você o encara em relação a seu passado cinematográfico?

GV — Sinceramente, não consigo localizá-lo com bastante precisão em relação ao que fiz antes. Seria o exorcismo de um intelectual que quer afundar no passado sua vivência literária? Seria o vômito existencial de um artista em transição? Ou seria apenas um amontoado de experiências dramáticas com referências nítidas em diversos outros artistas? Vêm-me então à lembrança incontáveis obsessões cinematográficas. Penso na tradição verbal do cinema americano, onde a ação geralmente é comentada e desenvolvida, inclusive através de diálogos. Lembro-me da descoberta de Joseph L. Mankiewicz em *A Condessa Descalça* ou do cinema de roteiro de Billy Wilder (minha primeira consciência de cinema ético). Penso em *Alemanha Ano Zero*, de Roberto Rossellini, em King Vidor e sua força sensual (*Big Parade*, *The Crowd*, *Stella Dallas*, *Duelo ao Sol*),

em Joseph Losey e seus anjos demolidores (*Concrete Jungle*/Armadilha a Sangue-Frio), ou no Edward Albee de "História do Zoológico", O Pasolini de *Teorema*, o Joshua Logan de *Pic-Nic* ("Férias de Amor") e o Richard Brooks de *Elmer Gantry* (Entre Deus e o Diabo) me fascinam por seus personagens desagregadores. Não posso deixar de admitir minha formação cultural, mas não aceito o culturalismo. Cultura para mim é apenas um subsídio para a ação, e nunca um fim em si.

FC — Defina *Perdidos e Malditos* em função de sua estrutura e do cinema que se faz hoje.

GV — *Perdidos e Malditos* é um filme cerebral, construído. Meu método de trabalho foi muito simples: fiz uma relação de seqüências e um texto básico, em cima do qual os atores trabalharam. Trata-se de uma sucessão de planos quase que autônomos, sem montagem. Essa estrutura de blocos fragmentados foi francamen-

te deliberada. O cenário precede as pessoas, enquanto a câmara precede a tudo. Quer dizer, os atores procuram aproximar-se da câmara e nunca o contrário. Isto já foi feito por Jean-Marie Straub (que fez *Nicht Versohnt* e *Chronik der Anna Magdalena Bach*) e, no cinema primitivo, David Wark Griffith, o próprio Vidor, etc. Quanto à relação do filme com a vanguarda moderna, não vejo nenhuma. Não acredito em vanguarda, pois seus valores são efêmeros. Mas acredito no cinema revelador, pessoal, "secreto". Espero que meus amigos mais íntimos percebam integralmente os "segrêdos", as obsessões, que filtrei através de minha câmara fria, impassível.

FC — Houve alguma proposta política de sua parte?

GV — Politicamente, poderia classificar *Perdidos e Malditos* de irresponsável, por não colocar declaradamente nenhum problema social. Mas foi preciso fazê-lo assim para que pudesse me

libertar para outras etapas. O filme é uma purgação dos meus problemas e tudo que tinha a ser discutido sobre isso está no filme, não me interessa mais. A arte para mim é purgação. Acho que já dei esse vômito saudável, já dei a volta por cima. E o que me interessa é isso: o filme é muito parecido comigo e defende minhas idéias (PSA).

## REGISTRO

(QUEM MORREU EM HOLLYWOOD NOS ÚLTIMOS MESES)



## KERMIT MAYNARD

Irmão de Ken Maynard e ator de *westerns* classe B nos anos 30 e 40, Kermit Maynard morreu no dia 16 de janeiro em Hollywood, Natural do Estado de Indiana, EUA, onde nasceu no dia 20 de setembro de 1898, chegou a Hollywood em 1927 e começou como *double*, substituindo seu irmão, George O'Brien, Tom Tyler, Victor McLaglen e outros artistas, em cenas perigosas. Era um ótimo atleta. Apesar de estar no cinema 33 anos, nunca chegou a ser astro de primeiro plano. Nos últimos

anos vinha fazendo apenas pontinhas. Entre uma centena de filmes em que figurou, citam-se: *Phantom of the West* (O Fantasma do Oeste) — seriado, 1931; *Northern Frontier* (Fronteiras do Norte); *Wilderness Mail* (Correio da Selva), 1935; *Timber War* (Justiça na Floresta); *Phantom Patrol* (Patrulha Fantasma), 1936; *Pony Post* (O Cavalinho Relâmpago), 1940; *Billy the Kid* (Gentil Tirano), 1940; *King of the Texas Rangers* (Contra a Quinta Coluna) — seriado, 1941; *The Desert Hawk* (O Falcão do Deserto) — seriado, 1944; *Jungle Raiders* (Bandidos das Selvas) — seriado; *Fighting Bill Carson*, 1945; *Under Arizona Skies* (Mina de Gado) 1946; *Silver Raiders* (Contrabando de Prata), 1950; *Gunlighters of the Northwest* (O Sinal do Cavalinho Branco) — seriado, 1954; *Once Upon a Horse* (Dois Vigaristas Roubados), 1958; *Noose for a Gunman* (Braço é Braço), 1960 (MES).

## LOUISE GLAUM

Louise Glaum deveria estar perto dos oitenta anos, ao falecer em Los Angeles no dia 26 de novembro de 1970, pois foi famosa "vampiro" da década de 10, especialmente em filmes de Charles Ray e William S. Hart, na Triangle. Somente os velhos fãs devem lembrar-se dela, e estes há muito nada sabiam sobre o seu paradeiro e sequer se ainda vivia. Em 1918, quando seus filmes da Triangle eram exibidos no Brasil, era apontada como rival de Theda Bara. Uma revista da época publicou esta legenda, para uma de suas fotos: "Louise Glaum simboliza a força irresistível e obsedante da matéria. Vendo-a, sente-se a inani- dade de todo esforço humano em se enclausurar no domínio puramente espiritual. Aos pés de

Louise Glaum, vêm ruir virtuosos sistemas filosóficos". Hoje, diante destas palavras, não podemos deixar de achar graça, mas na época Louise era fogo! Em 1925, ela abandonou o cinema e radicou-se numa cidade da fronteira com o México, onde abriu um pequeno cinema. Fêz cerca de 40 filmes, entre eles: *Hell Bound of Alaska* (O Lobo Ferido); *Staking His Life* (A Vitória do Senhor), 1914; *Between Men* (Prélio de Gigantes), 1915; *The Iron Strain* (Como se Vence); *The Aryan* (Serás Minha Escrava); *Hell's Hingers* (Terra do Inferno); *Home* (A Pérola do Lar); *Honor Thy Name* (Obra de Vitoria), 1916; *The Weaker Sex* (Sexo Frágil); *Idolatress* (Idolatria) 1917; *Sahara* (Saara); *The Lone Wolf's Daughter*, 1919; *Sex* (Hoje Eu, Amanhã Tu!); *The Leopard Woman* (A Mulher Leopardo); *Love* (Amor), 1920; *I Am Guilty!* (Minha Espôsa é Culpada), 1921; *The Innocent Cheat*, 1922, e *Fifty-Fifty* (Meio a Meio) (GS).

## GAVIN GORDON

Gavin Gordon tinha sessenta e nove anos ao morrer em fins do ano passado. Estreara no cinema ao lado de Greta Garbo em *Romance*. Fêz ainda *O Último Chá do General Yen*, na Columbia, sob a direção de Frank Capra e junto a Barbara Stanwyck e Nils Ahster, e *A Imperatriz Galante*, dirigido por Joseph von Stenberg e com Marlene Dietrich. Gavin apareceu muito em teatro e televisão e, nos últimos anos, figurou em muitas pontinhas, como a que teve em *Dama Por Um Dia*, versão com Bette Davis e Glenn Ford (GS).

## LENORE ULRIC

Com mais de setenta anos e uma carreira de glórias no

palco, morreu em Nova York Lenore Ulric, que não foi propriamente uma estrela de cinema, mas que nele obteve alguns êxitos. Sua atividade cinematográfica começou na Essanay, em 1912. Fêz nessa época: *Kilmeney*, *The Better Woman*, *Intrigue*. Em 1923, trabalhou na First National, estrelando *Tiger Rose*. Em 1929, a Fox a apresentou em *Frozen Justice*, que teve duas versões, uma silenciosa e outra falada. Em 1936 — e este papel é conhecido até das gerações mais jovens — foi a intrigante e hipócrita amiga de Greta Garbo em *A Dama das Camélias*. Foi casada com o ator Sidney Blackmer (GS).

## CATHERINE CALVERT

Antiga estrela do silêncio e figura bastante popular em sua época (1917-1922), Catherine Calvert morreu no ostracismo, no dia 18 de janeiro. Proveniente do teatro, dedicou parte de sua atividade ao cinema e ficou famosa em papéis de grande dama da sociedade. Retornou ao teatro após interpretar seu último filme nos Es-

